

MEMÓRIAS E ESPAÇOS (NA CONSTRUÇÃO DA MUNDIVIDÊNCIA HUMANISTA E POLÍTICA)

Horácio Ruivo (UAb)

RÉSUMÉ

L'œuvre de l'écrivain portugais José Saramago reflète le dialogue entre mémoire, littérature et histoire. À partir de son livre de mémoire *Menus Souvenirs*, nous avons essayé d'explorer, dans cette analyse, la manière dont les espaces de l'enfance et de l'adolescence fréquentés par l'écrivain ont été décisifs dans la construction de sa personnalité et cruciaux pour la construction des personnages dans ses romans. On réfléchit aussi sur la formation d'une conscience politique que ces années de vie sous une dictature ont déclenché chez le futur écrivain et sur les valeurs éthiques acquises.

Mots-clés: Saramago, mémoire, littérature, histoire, espaces.

RESUMO

A obra do escritor português José Saramago reflete a dialogia entre memória, literatura e história. Partindo do seu livro memorialístico *As Pequenas Memórias*, procurou explorar-se, nesta análise, o modo como os espaços da infância e da adolescência frequentados pelo escritor foram determinantes na construção da sua personalidade e cruciais para motivar a construção de personagens nos seus romances. Reflete-se, igualmente, sobre a formação de uma consciência política que esses anos de vivência sob um regime de ditadura desencadearam no futuro escritor e sobre os valores éticos adquiridos.

Palavras-chave: Saramago, memória, literatura, história, espaços.

Recebido em 7 de julho de 2022.

Aceite em 20 de agosto de 2022.

Tem sido sobejamente dissecada a estreita relação entre os conceitos de memória, história e literatura. Não é, contudo, matéria sobre a qual não devamos continuar a debruçar-nos, convictos de que os estudos dialógicos entre estas três áreas permitem sempre eixos de abordagens inovadores. Daí retomarmos a questão da memória na obra de José Saramago, centrando-nos, essencialmente, no seu texto memorialístico *As Pequenas Memórias*, para explorar a influência que o período da infância e da adolescência tiveram na sua produção romanesca, reescrevendo a história numa perspectiva de meta-ficção historiográfica ou defendendo princípios éticos, de que não abdica.

A literatura, com o seu caráter ficcional, é sempre um poderoso meio de reconstrução de memórias individuais e coletivas. Sempre que se trata de memórias, o autor atua como mediador entre esses estilhaços do passado e os seus leitores, não apenas narrando, mas recuperando valores e identidades que estabeleçam com estes uma relação de afinidade. Na verdade, mais do que ver rememorados detalhes da vida privada ou da realidade social (próxima ou passada) do autor, espera-se que, com a sua mestria, este seja capaz de provocar impacto em quem lê. Os leitores mergulham, dessa forma, no universo da memória narrada e, decorrente disso, em memórias suas que emergem daquela leitura.

A substância da literatura assenta na memória humana e o seu ideal supremo funda-se nos traços que o homem deixou de si. Se a história constitui uma memória mais ou menos linear das diversas atividades realizadas pelo homem, a literatura é como que a recordação e um certo reviver cíclico da memória. Ao trabalhar a memória, a literatura afasta-se da realidade e refugia-se em meditações para se purificar. Assim tem sido através dos tempos: não obstante as diversas formas e as diferentes escolas, a alma da literatura e os seus valores sublimes têm permanecido praticamente inalterados. Lu Jiandong (2010) tece, a este propósito, considerações que julgamos pertinentes, dada a relação próxima que as mesmas podem estabelecer com a exploração da memória na obra de Saramago, exploração que implica sempre o mergulhar no passado, individual ou coletivo, ou seja, um mergulhar na história, mesmo quando esse recuo ao passado fica limitado à vida de uma pessoa e tem, por isso, um interesse infinitamente menor do que quando se trata de um acontecimento da história nacional ou transnacional. No fundo, segundo Jiandong, focar-se na memória é “le destin de l’homme dans sa vie et c’est également celui de la littérature qui l’accompagne tout le temps” (Jiandong 2010: 84).

A literatura marca presença na história das mentalidades, procurando exercer a força moralizadora de que dispõe, no sentido de fazer com que o homem se reveja no seu passado e consiga refletir sobre a existência, vindo a mudar atitudes que comprometam ou condicionem a sua plena realização como pessoa. É um certo poder catártico que a literatura vai operando no homem.

As Pequenas Memórias são um texto autobiográfico e centram-se cronologicamente sobre um momento preciso da vida do escritor: a sua infância e adolescência. Diz-nos José Saramago, no texto “e também aqueles dias”, em *A Bagagem do Viajante* (2010), que “o mito do paraíso perdido é o da infância – não há outro. O mais são realidades a conquistar, sonhadas no presente, guardadas no futuro inalcançável. E sem ela não sei o que faríamos hoje.” (BV: 21). Daqui se conclui a importância que o autor confere à sua infância e de que forma as memórias que dela guarda são indissociáveis da pessoa em que se vem a tornar quando adulto.

A escritora colombiana Laura Restrepo (2008), num artigo intitulado “Extraño enano”, tece uma pertinente reflexão acerca do interesse dos escritores pelo período da sua infância. Faz referência a José Saramago, devido à preocupação também demonstrada pelo autor português acerca do destino que foi dado à criança que todos habitaram. “Llevamos adentro un pequeño al que a duras penas conocemos: el niño que fuimos. Quién es, por qué marca nuestro destino, por qué los escritores están siempre buscándolo?” (Restrepo 2008). Não respondendo, explicitamente, às questões retóricas que vai colocando, acaba por fornecer um conjunto significativo de elementos que nos permitem compreender o fascínio dos escritores por esse espaço temporal de um passado que todos experimentaram.

Confirma-se que, no caso de Saramago, a sua escrita sobre a infância surge nesse momento em que a esperança de continuar vivo por muitos mais anos começa a esvanecer-se. A recuperação da infância e o seu registo escrito funcionam como preenchimento de um espaço, ainda meio vazio, na sua qualidade de escritor; é uma necessidade de mostrar a sua figura completa aos leitores, numa altura em que os laços de familiaridade entre ele e os leitores são cada vez mais apertados.

Apelando à memória, os escritores vão, então, nas palavras da autora, tentar protegê-la, mostrando-a, o que, parecendo paradoxal, é compreensível, pois a partilha com outros do que foi a infância faz com que outros a conheçam e ela não seja, dessa forma, condenada ao ostracismo: “Cómo buscan los escritores ese niño que fueron? Con la ayuda de una herramienta insustituible pero poco confiable, la memoria” (Restrepo 2008).

Ainda que, aparentemente, desvalorizando os eventuais dados autobiográficos que possa ter deixado nos seus livros (os mais abundantes estão mesmo em *As Pequenas Memórias*), o autor admite estar sempre presente nos seus textos como pessoa, isto é, com uma personalidade e uma forma de estar que não se coíbe de mostrar aos seus leitores. Isso mesmo disse numa entrevista a Juan Arias (2000): “se há um lugar onde eu estou é nos meus romances. Mas o leitor não deve perder o seu tempo a procurar a minha vida nos meus livros, porque ela não está ali. O que está ali não é a minha vida, mas a pessoa que sou, que é uma coisa muito diferente” (Arias, 2000: 30). Ora, essa pessoa que é Saramago guarda marcas que decide partilhar com os seus leitores, valorizando, precisamente, um espaço temporal da sua existência, mesmo sabendo que pode existir dificuldade em passar a imagem desse espaço temporal a pessoas cujos referenciais são diferentes, ou mesmo tendo consciência de que o narrado poderá apresentar dados deturpados relativamente à realidade vivida.

O sociólogo Maurice Halbwachs (2006) estuda a memória, não apenas enquanto fenómeno individual, mas numa dimensão que ultrapassa essa esfera, ao considerar que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir à margem da sociedade, isto é, sem conexão com os outros. Segundo esse autor, as memórias são construções dos grupos sociais, pois são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. Nessa linha de pensamento, ainda que Saramago se apresente como sujeito individual, isolado, apresentando as suas memórias ao leitor, poder-se-á entender que existe, no mínimo, um grupo social vincado na memória do autor, grupo esse com um denominador de pobreza, dificuldades e trabalho. O espaço da memória de Saramago pode entender-se coletivo, na medida em que o autor não perdeu o contacto com os espaços e com muitas das personagens reais dos acontecimentos da sua infância, relatando situações por si vividas, mas também outras às quais só tem acesso através do testemunho de outros atores, como é o caso de episódios de quando ele era ainda muito criança e que não recorda com lucidez, mas que lhe foram contados pela avó. Através desse poder coletivo da memória, esses acontecimentos passam a integrar o conjunto das suas memórias.

Um outro aspeto defendido por Halbwachs pode confirmar-se em Saramago. Diz-nos o sociólogo que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (Halbwachs 2006: 72). Efetivamente, as memórias de Saramago, designada-

mente as referentes à sua cíclica estadia anual na aldeia, são reconstituídas através do recurso a uma terminologia que o autor aprendeu localmente: alcunhas das pessoas, designações dos objetos de uso rural, expressões de cunho popular, um vasto leque de regionalismos e todo um campo lexical e semântico em torno do trabalho rural, que serão projetados nalguns dos seus romances, de que *Levantado do Chão* pode ser apontado como exemplo.

Segundo Endel Tulving, no capítulo «Episodic and semantic memory» da obra *Organization of Memory* (1972), a passagem do tempo torna menos acessíveis as memórias do passado, sendo mais afetadas pelo esquecimento as mais comuns e permanecendo mais marcantes as que se reportam a situações vividas emocionalmente com maior intensidade. Não pretendendo penetrar numa área que ultrapassa o objeto desta análise, não podemos deixar de comentar as memórias de Saramago à luz desta teoria: as memórias das situações experimentadas e recuperadas n' *As pequenas memórias* são de situações que foram emocionalmente intensas para o jovem que as experimentou, ou então as situações do momento da escrita, em que o escritor está numa fase da vida de rememoração do passado, são, de algum modo, similares às vividas anteriormente e, por conseguinte, trazem esse passado à tona e impõem o seu registo.

Avançamos com o que parece ser evidente dessas recordações marcantes, que o escritor decide reunir nesse breve volume publicado já em fim de vida. Num registo digressivo e circular, poder-se-ia dizer que, em texto aparentemente não revisto no que respeita à organização dos factos no tempo, o autor vai selecionar fragmentos marcantes da sua experiência de vida nas décadas de 1920 a 1930. A mais marcante dessas recordações será o contacto com dois mundos diametralmente distintos: o espaço rural da aldeia da Azinhaga, no Ribatejo, onde nasceu e viveu breves anos, e o espaço urbano da capital do país, onde passou a viver, permitindo-lhe estes espaços crescer e conhecer o sabor amargo das dificuldades da vida e das injustiças (sentimos que as memórias desse tempo carregam maioritariamente um sabor amargo), mas também acabando por se revelarem palco da descoberta de si e dos valores humanos – em suma e como ele próprio diz, do mundo possível para a sua capacidade de entendimento. Dessas recordações ressalta a pobreza, a miséria, a desilusão e a morte, que vão deixar profundas marcas na personalidade do autor, mas também a positividade do amor maternal e as características singulares de familiares próximos, como os seus avós, elementos que ficam no imaginário do escritor e serão transferidos, a seu tempo, para personagens de algumas das suas obras. Há, pois, naquele espaço temporal,

uma certa dicotomia entre positividade e negatividade, de que resulta uma aprendizagem profunda em termos de personalidade e de valores éticos que se mantiveram, no autor, até ao fim dos seus dias.

Uma das mais recuadas recordações deixadas por Saramago em *As Pequenas Memórias* refere o primeiro balão recebido, que se esvaziou. Comenta o autor que “Aquela coisa suja, enrugada e informe era realmente o mundo” (PM: 77). É semanticamente forte este “mundo” referido através da metáfora do balão. Por um lado, o mundo da infância plasmado na alegria de possuir o balão e a tristeza experimentada quando este se esvazia: é a interpretação do mundo real feita pelo autor no momento da escrita – um mundo marcado pela negatividade, que sabemos que Saramago várias vezes adjetivou de péssimo. Por isso mesmo, é conhecida a sua atitude permanente de denúncia das injustiças sociais e da falta de sentido de humanidade, e o seu apelo no sentido de que todos exerçamos o nosso dever de combate a uma cegueira generalizada, que se materializa na apatia perante situações de injustiça e na indiferença face ao sofrimento alheio.

Das recordações fazem sempre parte os espaços, designadamente da casa dos avós na aldeia e das várias partes de casa que a família ia partilhando em águas-furtadas de prédios em Lisboa. São espaços de vivências distintas, mas sempre enriquecedoras na construção da identidade de Saramago. A par destes, a escola, a rua, o ambiente familiar são outros espaços convocados que encontrarão eco em lugares ou em personagens dos seus romances (basta lembrar a casa e a família de Cipriano Algor, em *A Caverna*, para confirmarmos como o espaço físico e o espaço dos afetos são, neste romance, uma projeção de muito do que o autor conserva memorialisticamente da sua infância).

O livro abre, precisamente, com uma marca de espaço físico, a aldeia da Azinhaga, onde o autor nasceu e a qual viria a ser o palco das suas férias. Apesar de ser a sua terra, cedo teve de deixar a aldeia e de se mudar para Lisboa com os seus pais: “Foi nestes lugares que vim ao mundo, foi daqui que meus pais, migrantes empurrados pela necessidade, me levaram para Lisboa, para outros modos de sentir, pensar e viver, como se nascer eu onde nasci tivesse sido um equívoco do acaso” (PM: 12).

É breve a descrição da aldeia, mas dela é feita menção a algo que lhe é indissociável e que será cenário de alguns dos eventos marcantes na vida do autor: o rio Almonda, que, próximo do casario, se junta ao Tejo, outro cenário marcante das suas aventuras de criança. O leitor apercebe-se de imediato da forte ligação visceral do escritor àquele espaço rural, força telúrica que

Saramago guardará ao longo da vida. Essa ligação primária à terra, ocorrida no nascimento, parece ter marcado o autor de tal modo que ele afirma que estava destinado a retomar e reforçar essa ligação à ruralidade, não apenas em atitude contemplativa, mas embrenhado em mundividências que lhe permitem conhecer o verdadeiro estigma da vida dos agricultores e a sua pobreza material.

Num vaivém entre o passado e o presente, o autor reconhece, em certos momentos, o seu desagrado pelo espaço atual da Azinhaga, tão diferente daquele que a sua memória guarda. Esse revisitar do espaço terá avivado a memória do autor sobre o espaço de outrora e terá impellido a uma reflexão crítica sobre a mudança operada. É o caso da destruição dos olivais de “pelo menos, dois ou três séculos [...] impiedosamente rasoirados há alguns anos” (PM: 14), por decisão da Comunidade Europeia. Lamenta o autor o facto de as oliveiras, que “durante gerações e gerações, haviam dado luz às candeias e sabor ao caldo” (PM: 14), terem sido substituídas por um “monótono, um interminável campo de milho híbrido, todo com a mesma altura, talvez com o mesmo número de folhas nas canoilas, e amanhã talvez com a mesma disposição e o mesmo número de maçarocas, e cada maçaroca talvez com o mesmo número de bagos” (PM: 14). Este olhar sobre o espaço revela uma profunda tristeza face à transformação acontecida e potencia, simultaneamente, uma forte crítica à situação política e social a que o país foi conduzido com a sua adesão à atual União Europeia. Conhecedores que somos da ideologia política de Saramago, é fácil interpretar o seu pensamento e entender implícitos nas suas afirmações.

O mesmo olhar de tristeza sobre o espaço e a mesma atitude crítica surgem noutras ocasiões relativamente ao rio junto ao qual brincou e que se encontra, agora, poluído. Enumerando um conjunto de elementos da paisagem e da vida rural, que o autor, sem que disso na altura tivesse consciência, considera hoje terem sido uma “joia” na sua formação de homem, enfatiza o rio, que se transformou numa “humilde corrente de água hoje poluída e malcheirosa – em que se tinha banhado e por onde havia navegado” (PM: 16). O olhar sobre o espaço merece, por parte do autor, uma reflexão, na medida em que se entrecruzam nele três visões: a que a criança e o jovem experimentou nesse espaço, a que o adulto tem dele atualmente e, talvez a mais importante (que não é visível, mas resulta, no imaginário do escritor, do cruzamento entre essa realidade memorizada e a sua interpretação pelo adulto de hoje, pelo confronto com uma realidade nova, na ausência da realidade anterior: “A criança que eu fui não via a paisagem tal como o adulto

em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que o foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava” (PM: 15).

Estas situações de degradação ou destruição do meio ambiente que o autor constata ao visitar aquele espaço tê-lo-ão marcado de tal forma que, aquando da constituição da sua Fundação, em Lisboa, fez questão de incluir a questão ambiental nas linhas orientadoras desse projeto, conforme se pode ler na proposta que apresentou em junho de 2007 e que foi aprovada: “Que à Fundação José Saramago mereçam atenção particular os problemas do meio ambiente e do aquecimento global do planeta, os quais atingiram níveis de tal gravidade que já ameaçam escapar às intervenções corretivas que começam a esboçar-se no mundo.”

Da Azinhaga, refere também o desaparecimento de alguns espaços que lhe foram íntimos, um deles “o lar supremo, o mais íntimo e profundo, a pobríssima morada dos meus avós maternos, Josefa e Jerónimo se chamavam, esse mágico casulo onde se geraram as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente” (PM: 18). A uma adjetivação valorativa que denota a importância daquele espaço para si (supremo, íntimo, profundo, mágico), contrapõe-se o superlativo “pobríssima”, apontando para uma dimensão material do espaço, que em nada quebrava a força riquíssima do mesmo a nível humano.

Mergulhar na infância comporta estas oscilações entre o vivido e o recordado, podendo esse recordado ser adulterado. Escrever sobre a infância é ter a capacidade de deixar o mundo real e viajar para um mundo de sonho, para sonhar com um renascimento desejado, pois a infância é uma espécie de mundo fechado a que se tenta abrir as portas através da recordação. Não sendo certo que a intenção de Saramago fosse a de construir uma autobiografia de um período da sua vida, a verdade é que acabou por ser esse o resultado.

Em Lisboa, poder-se-á subdividir em dois o espaço físico das memórias mais recuadas do escritor: por um lado, o macro espaço da cidade, que conhece pelos diferentes lugares onde viveu ou que percorreu nas suas idas para a escola; por outro, o espaço da intimidade, da casa, tão importante na construção da afetividade (e nisso tão parecido com o da casa dos avós, mesmo se o ambiente familiar é merecedor de algumas críticas, mercê do comportamento do seu pai).

Começamos pelo espaço aberto da cidade, pela rua, onde, depois das aulas, ocorriam as “batalhas à pedrada que por felicidade nunca chegaram a fazer sangue nem lágrimas, mas em que se não poupava o suor” (PM: 105),

ou onde o autor viveu momentos de atrapalhação, de humilhação ou mesmo de dor, quando é vítima de uma tortura por parte de rapazes mais velhos, que recorda amargamente nestes termos: “Empurraram-me, atiraram-me ao chão, despiram-me os calções e as cuecas e introduziram-me um arame na uretra” (PM: 121-122).

Do espaço da cidade guarda também memória dos cinemas frequentados e das histórias horripilantes ali visualizadas. Essas e as invenções de outras histórias a partir dos cartazes expostos, que narrava, depois, aos colegas que as não tinham visualizado, terão constituído um treino iniciático na arte de criar situações e personagens, que a sua produção escrita, ao nível sobretudo do romance, vem, no futuro, confirmar.

Em Lisboa, as dificuldades económicas da família Saramago eram notórias. O autor relata dois casos que delas dão conta: um tem a ver com a penhora sazonal dos cobertores, a que a mãe se via obrigada; o outro atesta igualmente as dificuldades e tem a ver com as estratégias usadas para economizar na fatura da água, enganando a Companhia das Águas – estigma da pobreza que sempre acompanhou a criança e o jovem.

Os dois espaços axiais d’ *As Pequenas Memórias* são também importantes ao nível dos contactos humanos, que propiciam a Saramago o contacto com uma variedade considerável de pessoas com outras formas de vida, das quais colherá excelentes aprendizagens e não menos importantes modelos para os seus romances. Vêm-lhe à memória as imagens dos mais próximos da família, sendo a do seu irmão Francisco, que morreu aos quatro anos de idade (não tinha Saramago ainda três anos), a mais antiga que diz conseguir recuperar. Fisicamente recorda-o pelo retrato que dele ficou: “um rapazinho alegre, sólido, perfeito” (PM: 121); recorda como o irmão trepava acima dos móveis pelo que viu ou pelo que foi ouvindo contar; mas recorda, sem dúvida, as lágrimas no momento da sua morte: “Falsa, porém, não é a que vem agora. A dor e as lágrimas, se pudessem ser aqui chamadas, seriam testemunhas da violenta e feroz verdade. O Francisco já morreu” (PM: 121). A dor e a morte marcam, desta forma, o espaço mais recôndito das memórias de Saramago – espaço de negatividade que, pela intensidade com que ficou vivido, nunca virá a dissipar-se. Depois vem a figura da mãe, com a lida da casa, o trabalho de lavar escadas para ajudar monetariamente a família, e a relação pouco afetiva com um marido de temperamento frio, agressivo e rude.

Mas as pessoas mais marcantes são mesmo o avô materno, Jerónimo, e a avó materna, Josefa. O vínculo afetivo com estes avós marcou de tal forma o autor que, no discurso proferido aquando da cerimónia de entrega do

prémio Nobel, não omite a importância determinante que eles tiveram na sua formação de homem. Inteligência, dedicação, afetividade, humanismo e capacidade de sonhar são as principais características que Saramago lhes reconhece. As figuras dos avós constituem uma trave-mestra na sua formação de homem. Saramago enfatiza o conhecimento do avô, não um conhecimento acadêmico formal de que o avô não poderia dispor, mas uma sabedoria construída com o tempo e moldado com as agruras da vida, que determinam um respeito permanente pela mesma vida e pelo próximo.

Estes retalhos que formam as memórias da infância e da adolescência de Saramago na aldeia e na cidade, expostos n' *As Pequenas Memórias*, incluem a abordagem de um tema que, para Saramago, não será de menor importância relativamente às recordações da família ou às pequenas aventuras vividas. Porque sabemos que o autor não recorda apenas para que outros o conheçam melhor (isso mesmo referiu em entrevista no dia do lançamento deste seu livro de memórias), mas tem consciência que a sua escrita tem sempre uma finalidade, outra que não seja a de procurar entender-se a si próprio e entender o mundo, não será por acaso que também no espaço da sua memória se encontrem imagens que reportam à situação política do país, a encaminhar-se para a ditadura salazarista, da qual o jovem tinha, na altura, uma consciência pouco profunda, mas em relação à qual sabemos ter desenvolvido uma atitude política de forte oposição, que se estenderia desde os tempos de recusa de pertencer à Mocidade Portuguesa, na adolescência, até ao 25 de abril de 1974 – isto para além da atitude pedagógica que mantém, ao mostrar, posteriormente a essa data histórica, através dos seus romances, o que foram as provações sentidas pelos mais frágeis da sociedade durante esse período de ditadura. *Levantado do Chão* pode ser aqui, mais uma vez, apontado como exemplo de um percurso de consciencialização política, de luta e de perseguição experimentado pelos Mau-Tempo e que culmina, precisamente, com o fim da ditadura do Estado Novo, que Saramago bem conheceu.

É desta forma que a memória vai ser determinante para o desencadear da criatividade literária, usando esta a história como suporte, num propósito que em muito se aproxima de metaficção historiográfica, conceito alargado por Linda Hutcheon, que desenvolve um pensamento crítico relativamente a dados históricos tomados como inquestionáveis e verdadeiros. Nessa linha, temos, de forma mais visível, o *Memorial do Convento*, cuja ação gira em torno do facto histórico real da construção do convento de Maфра, tendo como dado comumente aceite que se trata de uma obra do rei D. João V, dado esse que Saramago vai desmontar, procurando (e conseguindo) mostrar que

a obra aconteceu pelo sacrifício de milhares de portugueses, estando o rei excluído dessa inumerável lista de quem trabalhou e sofreu.

As Pequenas Memórias fazem referência à forma como o adolescente Saramago começa por tomar consciência do totalitarismo de Salazar, ou como se apercebe da guerra civil espanhola, no final dos anos 30, ou como a ascensão de Hitler ao poder não lhe é indiferente. Foi possível ao autor confirmar as suspeitas de que “Hitler, Mussolini e Salazar eram colheres do mesmo pau, primos da mesma família, iguais na mão de ferro, só diferentes na espessura do veludo e no modo de apertar” (PM: 141-142).

Lisboa é o espaço da sua residência, não apenas na infância, mas também na idade adulta. É nessa cidade que vai cimentar os seus vínculos literários e políticos, mas é essa mesma cidade que o faz distanciar-se progressivamente de um meio que se revela propiciador a intrigas e a invejas, a nível político e cultural: é “uma espécie de cerco por vontades, forças, poderes e dinheiros que têm outros critérios que não são, designadamente, aqueles a que nos tinha habituado uma certa maneira de viver em Lisboa” (Aguilera, 2010: 71). Mesmo sendo esta uma visão da cidade posterior à que da mesma nos é apresentada n’ *As Pequenas Memórias*, não deixa de ser, de certa forma, também negativa a imagem da Lisboa que diz ser sua: “A Lisboa que vejo como uma coisa minha não tem nada a ver com a de agora. [...] a Lisboa que trago dentro de mim é a Lisboa dos anos 30”. (Aguilera, 2010: 74)

Anos antes da escrita deste pequeno livro de memórias da infância, já Saramago havia recuperado a memória de alguns momentos da sua vida que o marcaram e que ele, conscientemente, sabe terem sido determinantes na formação daquele em quem havia de tornar-se. Falamos d’ *A Bagagem do Viajante*, um conjunto de crónicas que o autor foi publicando, ainda durante o período da ditadura, sobretudo no jornal “A Capital”. Tendo em conta a censura de que eram alvo todas as publicações, torna-se óbvio que Saramago usou de alguma moderação no tom crítico que seguramente gostaria de ter imprimido a muitas delas; ainda assim, é possível descortinar a ideologia que defende, que em nada é consonante com a ideologia oficial.

Na produção literária saramaguiana, as crónicas assumem um papel determinante na construção da maturidade do escritor. Sendo os romances a sua primeira experiência literária, o primeiro deles, *Terra do Pecado*, teve uma receção muito passiva por parte do público e é o próprio Saramago que o considera afastado da linha de pensamento dos seguintes; também Carlos Reis (1998), a esse propósito, refere tratar-se de um romance “destinado a ter uma vida curta e praticamente sem memória” (Reis 1998: 11) e, nas palavras do autor Saramago, ele não é mais do que “o livro de uma inexperiência

vital” (Reis 1998: 13). Entre este primeiro romance e o segundo, *Manual de Pintura e Caligrafia*, medeia um período de cerca de três décadas, durante o qual o autor se aventura por outras dimensões, poéticas e narrativas, corporizadas, as poéticas, em *Os Poemas Possíveis* e *Provavelmente Alegria* e as narrativas com a experiência das crónicas, publicadas em jornais desde o final dos anos sessenta e reunidas em livro já na década seguinte.

Adriana Martins (2006) considera as crónicas de Saramago como “um projeto de busca de identidade” (Martins 2006: 96). De facto, segundo a mesma autora, “o escritor encontrara no romance a forma de fazer passar algumas das suas preocupações ou obsessões” (Martins 2006: 96) e a crónica terá constituído uma espécie de oficina, onde o autor pratica o manuseamento das ferramentas que lhe permitirão revelar, de outra forma, o seu mundo aos leitores. Também Horácio Costa (1997) dedica uma detalhada análise às crónicas de Saramago, dando conta do espaço privilegiado deste tipo de texto para o espraiamento do autor, que sente necessidade de refletir sobre o presente, mas com a intenção de que a sua reflexão tenha uma ação transformadora no futuro.

Na hibridizade do género das crónicas (*Deste Mundo e do Outro* e *A Bagagem do Viajante*), o autor consegue um tipo de escrita que lhe permite uma maior aproximação do público leitor. Como se trata de textos publicados com uma frequência muito maior do que os romances, as crónicas têm a vantagem de ir expondo muito mais do seu autor, dando a conhecer as suas posições perante diversos assuntos. Nelas, a associação entre a pessoa que escreve e se afirma não surge filtrada pela voz que, nos romances, se diz ser a do narrador, ainda que, conforme palavras do próprio Saramago acerca dessa voz expressa nos romances através do hipotético narrador, se veja que, também ali, quem está, efetivamente, exposto é o próprio autor.

“[...] um livro não está formado somente por personagens, conflitos, situações, lances, peripécias, surpresas, efeitos de estilo, exibições ginásticas de técnicas de narração – um livro é, acima de tudo, a expressão de uma parcela identificada da humanidade: o seu autor. [...] o romance é uma máscara que esconde e, ao mesmo tempo, revela, os traços do romancista” (Arnaut 2008: 88).

As Pequenas Memórias e algumas crónicas d’ *A Bagagem do Viajante* são o exemplo claro dessa expressão do autor e da revelação dos seus diversos traços, muito particularmente, as crónicas, que, segundo Maria Alzira Seixo (1987), dizem “tudo” ou “quase tudo” sobre Saramago (Seixo, 1987: 15), constituindo-se como um precioso espelho do seu autor no “período

formativo”, usando a terminologia adotada por Horácio Costa para se referir a uma parte da obra do escritor que engloba a escrita das crónicas; também Adriana Martins considera que as crónicas delineiam “os primeiros traços do que viria a ser a escrita romanesca de José Saramago” (Martins, 2006: 96).

A Bagagem do Viajante é o livro de crónicas que se centram num período da vida do autor que seria retomado n’ *As Pequenas Memórias*. Nas crónicas, tal como o autor afirmou, algo de si vai ficando exposto naquilo que escreve e essa parte desvendada aos leitores é a mais importante: “[...] para entender aquele que eu sou, há que ir às crónicas. As crónicas dizem tudo (e provavelmente mais do que a obra que veio depois) aquilo que eu sou como pessoa, como sensibilidade, como perceção das coisas, como entendimento do mundo: tudo isto está nas crónicas” (Reis 1998: 41-42).

Também nas crónicas o autor recupera o passado, recuando para um período “à distância de trinta e muitos anos” (BV: 14), o que, tendo em conta o momento da escrita da crónica, o situa na sua infância (“rapazinho” ou “garoto”, como se autodenomina). Numa dessas crónicas, a personagem move-se imaginariamente num espaço da lezíria, no qual existe uma árvore gigantesca à qual pretende subir. Dessa escalada dura são fornecidos os detalhes ao leitor, que visualiza o garoto num percurso que o elevará gradualmente a “dez metros, quinze metros”, “vinte metros” (BV: 15), uma autêntica subida ao Everest sob o olhar perspectivado do rapaz, subida que vale pelo esforço realizado, independentemente se ter ou não alcançado o cume. Esse é o sentido da crónica, revelado pelo próprio autor, quando conclui: “Não me lembro se o rapaz chegou ao cimo da árvore. Uma névoa persistente cobre essa memória. Mas talvez seja melhor assim: não ter alcançado o pináculo então é uma boa razão para continuar subindo. Como um dever que nasce de dentro e porque o sol ainda vai alto” (BV: 16). De facto, a ânsia de atingir o ponto mais alto da gigantesca árvore, cumular de esforço físico e psicológico, pelo necessário vencer do medo e da vertigem, parece ter persistido no autor ao longo da sua vida, conforme vemos na sua atitude, quando, homem de meia idade e com uma esperança de vida ainda longa, se orienta pela mesma filosofia de superação de dificuldades e de ascensão, seguramente não numa atitude materialista, mas numa postura humanista de dignificação do homem, para uma dimensão de utopia, em que o homem consiga, em plenitude, realizar-se a nível individual, mas também coletivamente, em sociedade.

Foi nessa fase da sua vida que começou a tomar contacto com a literatura, facto que o viria a marcar para sempre. À distância do tempo, o autor reconhece que alguns dos seus comportamentos relativamente ao que lia revelavam já a sua elevada maturidade.

Se atrás referimos o poder da memória na construção de uma consciencialização política e de uma atitude interventiva de cidadania, importa abordar agora o poder das memórias na construção de outros universos ficcionais, para além dos romances já sumariamente referidos. A marca deixada por esta particularidade do avô de bom contador de histórias vai influenciar o autor a reproduzir igual magia na forma como os seus “narradores” se apropriam da ação para a contarem, com “toda a magia e o encanto da narrativa oral” (Rebelo, 1995: 12). Diz este crítico, no prefácio do *Manual de Pintura e Caligrafia*, a propósito do estilo da escrita de Saramago nessa obra, mas com aplicação a muitas outras, que o

“[...] período espreado, a asserção cortada de orações incisivas e autocorreções postas mais como artilharia retórica de um modo de dicção do que como meio de evitar a ambiguidade latente, são alguns dos processos com que Saramago vence as normas do literário para lhe imprimir o tom conversado do milenário contador de histórias” (Rebelo 1995: 12).

Ao resgatar a sua infância e adolescência, bem como as suas origens, o autor vai fazer uma ponte entre o passado e o presente, tornando-se mais facilitada a tarefa de interpretação deste e a própria interpretação do futuro – o que sabemos constituir uma das suas preocupações: pensar e ajudar a promover uma sociedade futura mais racional e justa. Esse espaço do passado, de certa forma considerado como um espaço de ilusão, transforma-se num espaço de criatividade do presente.

A infância tem, pois, para um adulto, a mesma importância que tem a caixa negra para os aviões: “[...] lo que la caja negra a los aviones: quando todo en nosotros se transforma, o se destruye, en los recuerdos de infancia permanece protegida información esencial sobre lo que somos, lo que no fuimos, lo que quisimos ser” (Restrepo 2008).

O olhar sobre o passado que Saramago lança é uma busca de autocohecimento. Para Georges Gusdorf (1991), ao contar a sua autobiografia, o autor impõe-se a tarefa de contar a sua própria história e isso é conseguido através da reunião de elementos dispersos da sua vida pessoal, que têm de ser agrupados; é um historiador de si mesmo, que tenta apresentar uma imagem coerente do que foi a sua existência. As memórias são, pois, para Saramago, um exercício que lhe permite não apenas que se reinvente, no sentido em que está a recuperar a criança que foi, à luz do que é o adulto Saramago, mas que se desvende a si mesmo.

Vejamos, então, de que forma as imagens guardadas da infância e re-

cuperadas ou reinterpretadas se revelaram importantes para a economia de alguns dos romances de Saramago. Porque, tal como já referimos e aqui confirmamos, a sua obra literária resulta de uma simbiose entre o que foi o seu passado e o que tem sido a sua experiência de vida até ao presente. Vamos, então, explorar algumas marcas que os espaços deixaram no autor e o levaram a imaginar outros espaços ficcionais e outras personagens que projetam, de algum modo, aqueles seres reais que conheceu e com os quais conviveu na sua infância. No *Manual de Pintura e Caligrafia*, é evidente a colagem da criança Saramago à personagem, tanto mais que é o próprio autor que considera também esta sua obra como autobiográfica: “é um livro de aprendizagem; mas é também (e já o disse várias vezes) talvez o meu livro mais autobiográfico” (Reis 1998: 25). De facto, a personagem S. mais não será do que a referência ao próprio nome Saramago. A passagem do *Manual de pintura e caligrafia* que a seguir apresentamos é bem ilustradora das marcas de pobreza das habitações com as quais a criança Saramago conviveu e que deixou registadas n’ *As Pequenas Memórias*. Fizemos já referência à pobreza da casa dos avós. Também já foi mostrada a exiguidade e a pobreza das habitações que a família Saramago utilizava, muitas vezes partilhando o espaço com outras famílias, em águas-furtadas de prédios pobres de Lisboa. Mas deixamos propositadamente uma outra descrição das condições em que eram satisfeitas as necessidades fisiológicas nesses espaços, a qual descrição confrontaremos, depois, com uma outra, escrita posteriormente. “Pelo corredor a mulher levava o bacio tapado com um pano, não tanto por causa do cheiro que simples pano não lograria reter (toda a gente assim se conhecia pelo cheiro), mas por uma simples e ingénua decência, um recato, um pudor”. (MPC: 136-137) N’ *As Pequenas Memórias*, referindo-se às casas de banho, diz que: “simplesmente porque tais luxos não existiam, uma pia a um canto da cozinha, por assim dizer a céu aberto, servia para todo o tipo de despejos, tanto dos sólidos como dos líquidos (PM: 56-57). E acrescenta:

“[...] as mulheres que levavam para despejar na dita pia, cobertos por um pano, em geral branco, imaculado, os vasos recetores das dejeções noturnas e diurnas, também chamados bacios ou penicos, esta última voz, em todo o caso, raramente usada, talvez porque o plebeísmo excedesse os limites da tolerância vocabular das famílias. Bacio era mais fino” (PM: 57).

Correspondência similar entre as duas obras pode ser também encontrada na figura da tia Emília, pessoa idosa, de cabelo branco em carrapito, que por vezes se embriagava e que um dia foi encontrada “com as pernas

abertas e as saias levantadas, cantando [...] enquanto se masturbava” (PM: 116). Esse episódio caricato, que o pequeno Saramago, com cerca de nove anos, mal pôde contemplar, por as mulheres lhe terem impedido a completa visão – este e outros de cariz sexual, que nos vai contando, amiúde encontramos nos seus romances. A tia Emília vai ser transposta para o *Manual de pintura e caligrafia* na figura de uma antiga hóspede, que S. recorda desta forma: “Alcoólica, a quem um dia, por entre as saias das mulheres da casa, ao mesmo tempo escandalizadas e divertidas (as mulheres, não as saias), vi deitada no chão asseadíssimo do seu quarto (hoje reparo na incongruência: alcoólica, asseada) cantando e masturbando-se”. (MPC: 137). É o próprio Saramago que, n’ *As pequenas memórias*, se refere a este episódio como tendo sido já relatado: “Uma outra lembrança (que já evoquei no Manual de pintura e caligrafia” (PM: 115).

Relativamente ao romance que contribui substancialmente para tornar o escritor conhecido do grande público, o *Memorial do convento*, também dele se encontra uma referência n’ *As Pequenas Memórias*, precisamente a respeito de uma ida da criança Saramago (o Zezito) a Mafra. As suas memórias registam essa ida a Mafra, “o lugar onde, mais de cinquenta anos depois, se decidiria, de maneira definitiva o meu [o seu] futuro como escritor” (PM: 78). Ao recordar aquele espaço, diz: “Um dia gostaria de meter isto tudo dentro de um romance” (PM: 78-79). A magnitude da construção arquitetónica, antes como mais depois, impressionam Saramago, e assim, aliadas essas memórias ao seu gosto pessoal pela história recuperada e reescrita, estavam reunidos os ingredientes suficientes para compor um romance, que, não muito tempo depois, em 1982, acaba por surgir.

Entretanto, também n’ *As Pequenas Memórias* existe referência a’ *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, como tendo tido alguma motivação a partir do espaço da infância de Saramago. Recorda o autor: “É também desse tempo o descobrimento do mais primitivo dos refrescos que já me passaram pela garganta: uma mistura de água, vinagre e açúcar, a mesma que viria a servir-me, com exceção do açúcar, para, no *Evangelho*, matar a última sede de Jesus Cristo”. (PM, 59-60)

Sabemos que outras aprendizagens do seu tempo da infância e adolescência (e, naturalmente, da vida adulta) estão presentes nos seus romances, porque forneceram ao escritor matéria para a construção de personagens, de espaços e de momentos que reconhecemos apresentarem muitos traços comuns nos seus romances.

Relativamente a esta marca da infância do autor em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, parece pertinente referir uma reflexão sobre a ausência,

n' *As pequenas memórias*, de práticas religiosas levadas a cabo por si ou pela sua família, sendo até possível admitir que o seu pai, pela profissão que desempenhava e pelos comportamentos que exibia, não se coibiria de tecer algumas críticas à Igreja, que poderão ter estado na base da sensibilidade ateia de Saramago. Como nos diz Aguilera, o escritor não se pode demarcar de um substrato cristão que domina o espaço em que vive, mas é notório o seu afastamento e o seu combate, racional e laico, a essa dimensão religiosa mediada pela Igreja, que ele acredita estar na base de muito do que de negativo existe no mundo de hoje. Conforme Aguilera (2010), “Seria difícil entender não só a literatura de Saramago como o seu sistema de pensamento sem valorizar adequadamente o papel que, a partir de uma projeção crítica, o facto religioso desempenha” (Aguilera 2010: 123).

Saramago defende que o fenómeno divino não passa de um produto da imaginação: nas suas palavras, “Deus é uma criação humana e, como muitas outras criações humanas, a certa altura toma o freio nos dentes e passa a condicionar os seres que criaram essa ideia” (Aguilera 2010: 125). Perante esta conceção agnóstica, assume uma postura pública de antagonismo relativamente à Igreja e aos seus tentáculos de poder. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, publicado em 2001 (e *Caim*, publicado muito posteriormente, em 2009) pode ser visto como um exemplo de crítica a esse espaço sagrado e eclesiástico, porquanto nos apresenta um Cristo em tudo humanizado e não a figura transcendental que a religião cristã venera. O sagrado e a crítica à Igreja são linhas de força que perpassam muita da produção literária de Saramago.

As experiências de vida da infância, registadas n' *As Pequenas Memórias*, estendem-se ainda a outros dos seus romances. É o caso do *Ensaio sobre a Cegueira*. Uma personagem real, que Saramago refere ser parente dos seus vizinhos, quando morava na Rua dos Heróis de Quionga, em Lisboa, acaba por estar na base da conceção desse romance. Essa figura marcou fortemente a criança que era então Saramago, de tal modo que, muitas décadas depois, acaba por conceber um romance em que intervêm personagens semelhantes àquele Júlio que guarda na memória. E não apenas a figura física, mas todo o ambiente que a envolvia. Este romance, cuja ação decorre num espaço de violência sobretudo emocional, apresenta vários momentos onde, com facilidade, se reconhecem as memórias do autor: “Quanto ao cheiro que tudo isto desprende, não o estranha, não há outro em todo o edifício, é o cheiro do seu próprio corpo, das roupas que veste.” (ESC: 155) – é a figura do Júlio.

Em *Todos os Nomes*, a personagem principal trabalha numa conservatória de registos. Foi um acontecimento da vida do escritor, ocorrido, pre-

cisamente, na sua infância, que veio a constituir-se subsidiário do romance que acaba por vir a lume em 1997. Recordando a morte do seu irmão Francisco, vai encetar um conjunto de diligências junto do Instituto Câmara Pestana, onde aquele esteve internado e, anteriormente a isso, junto da conservatória do registo civil da Golegã, sede de concelho a que pertence a aldeia da Azinhaga, onde a família residia quando ambos os rapazes nasceram, pelo que seria lógico haver a referência ao óbito na certidão do nascimento do seu irmão. Nada ali foi encontrado. Outras pesquisas foram feitas nos arquivos dos cemitérios de Lisboa e, ainda que Saramago não tenha participado diretamente dessa tarefa, o facto de perceber os meandros da burocracia no seio daqueles arquivos vai fornecer-lhe matéria para aquele romance.

As experiências por que passa a criança Saramago nos dois lugares em que se desdobra o espaço d' *As Pequenas Memórias* são marcantes pela diversidade e pela força que tiveram em termos de emoções positivas ou de angústias e medos; dessa multiplicidade de experiências sai enriquecido o espírito do escritor. Se na aldeia lhe é permitido um contacto plurifacetado com a paisagem rural e o povo simples, tendo ali despertado a sua atenção para o valor da contemplação e a dificuldade do trabalho, em Lisboa aprende a interpretar a vida e a reconhecer as injustiças da sociedade, fruto das deficientes relações humanas.

Mas são as impressões da aldeia as mais fortes, aquelas que terão contribuído para fazer de Saramago a pessoa que conhecemos. Guarda essas impressões durante mais de setenta anos, para as vir partilhar com os seus leitores, tanto no livro sobre o qual aqui nos debruçamos, como publicamente o faz também, quando é distinguido com o prémio Nobel e discursa perante a academia sueca, referindo, nesse discurso, as marcas do espaço rural e do espaço humano a ele associado, que não esquece e que sente necessidade de referir, num momento em que é, simbolicamente, colocado num pedestal, mas em que assume, publicamente, a sua modéstia no que toca às suas raízes.

As Pequenas Memórias, em cuja epígrafe se pode ler, “Deixa-te levar pela criança que foste”, representam o fechar de um ciclo de vida. Reconhece o autor, por várias vezes, ter sido uma criança sensível e continuar a manter essa sensibilidade ao longo da vida. As memórias preservadas encontram, nesta fase avançada da sua vida, que conta já com oitenta e quatro anos quando as publica, um eco vital que se pode entender abarcar toda uma vida, pois se é verdade que, como vimos, os relatos das memórias se circunscrevem a um espaço limitado e a um tempo definido, também é verdade que aquele espaço e aquele tempo acabam por ter repercussões no resto da vida do autor

e projeção em muitos dos seus romances, onde recupera, ficcionalmente, esses espaços – físicos, mas também e fundamentalmente simbólicos. De facto, o poder da memória reativa, n' *As Pequenas Memórias*, mais do que a infância do autor – ele faz renascer uma dimensão humana que acaba por representar, afinal, a toda a sua vida.

Referências Bibliográficas

- Aguilera, Fernando Gómez. 2010. *José Saramago nas suas Palavras*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Arias, Juan. 2000. *José Saramago – O Amor Possível*. Lisboa: Dom Quixote.
- Arnaut, Ana Paula. 2002. *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo. Fios de Ariadne, Máscaras de Proteu*. Coimbra: Almedina.
- Costa, Horácio. 1997. *José Saramago. O Período Formativo*. Lisboa: Caminho.
- Gusdorf, Georges. 1991– *Auto-bio-graphie*. Paris : Éditions Odile Jacob.
- Halbwachs, Maurice. 2006. *Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Jiandong, Lu. 2010. *Temps croisés – La mémoire : Thématique Maîtresse de la Littérature et de l'Histoire*. Paris: Fondation de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Rebelo, Luís de Sousa. 1995. Prefácio à 3ª edição, in Saramago, José. 1995. *Manual de Pintura e Caligrafia*. Lisboa: Caminho.
- Reis, Carlos. 1998. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho.
- Restrepo, Laura. 2008. “Extraño enano”, in El País, Madrid, 3 de maio de 2008. Internet. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/narrativa/Extranio/enano/el-pepuculbab/20080503elpbabanar_15/Tes (consultado em 10 de maio de 2022).
- Saramago, José. 1995. *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Caminho.
- _____. 1984. *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho.
- _____. 1995. *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa: Caminho.
- _____. 1997. *A Bagagem do Viajante*. Lisboa: Caminho.
- _____. 1997. *Todos os Nomes*. Lisboa: Caminho.
- _____. 2000. *A Caverna*. Lisboa: Caminho.
- _____. 2002. *Levantado do Chão*. Lisboa: Caminho.
- _____. 2006. *Manual de Pintura e Caligrafia*. Lisboa: Caminho.
- Seixo, Maria Alzira. 1987. *O Essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Tulving, Endel. 1972. – «*Episodic and semantic memory*», in *Organization of Memory*. Nova Iorque: Academic Press. Internet. Disponível em http://alumni.media.mit.edu/~jorkin/general/papers/Tulving_memory.pdf (consultado em 15 de junho de 2022).

Abreviaturas usadas:

BV (*A Bagagem do Viajante*)

MPC (*Manual de Pintura e Caligrafia*)

PM (*As Pequenas Memórias*)